

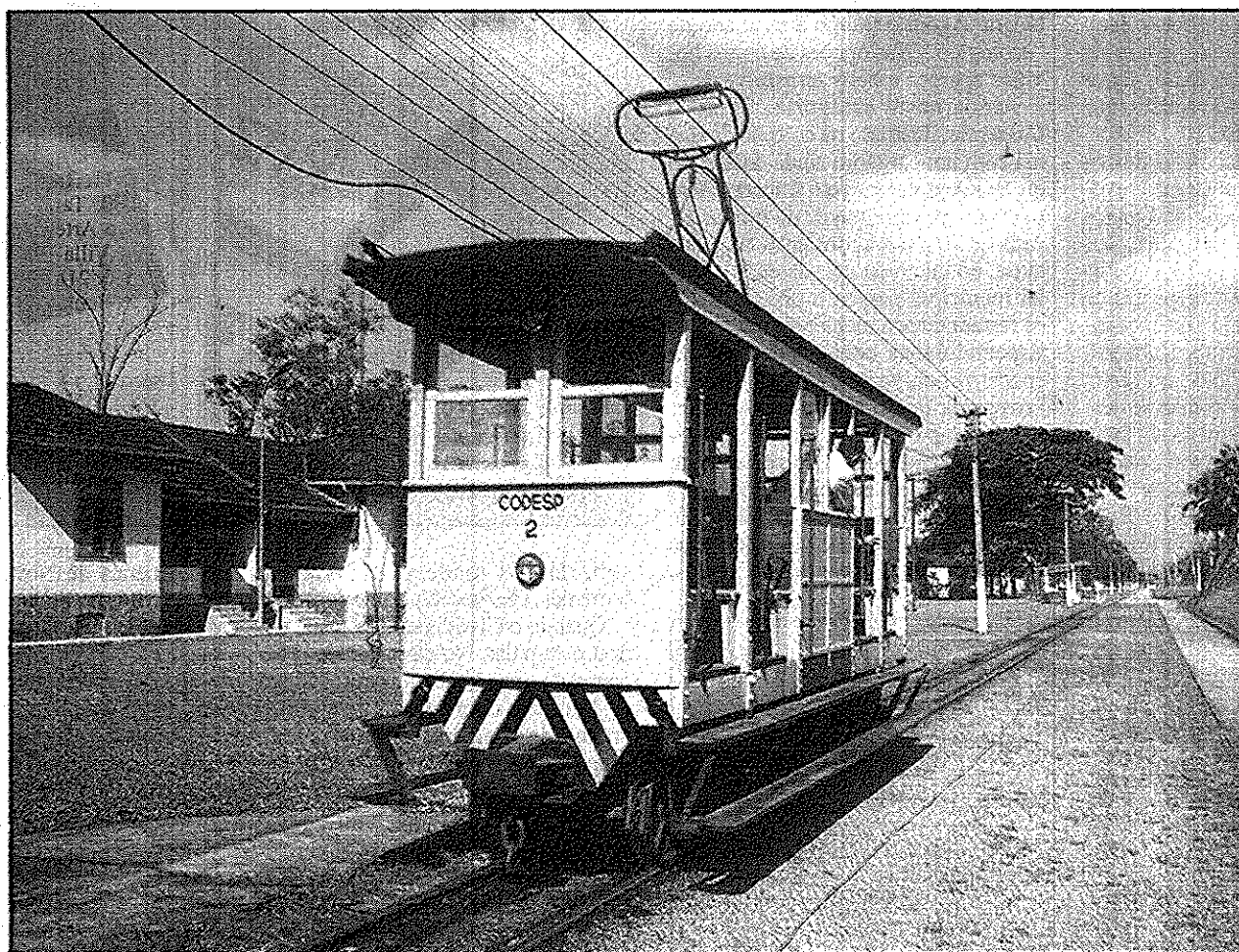
VIAGENS

SÃO PAULO

Inglaterra na Mata Atlântica

Vila de Itatinga, em torno de hidrelétrica centenária ainda em funcionamento, guarda memória da presença britânica em Bertioga

Fotos: Luis S. Krausz



A linha do bonde é o eixo em torno do qual se desenvolve a vida em Itatinga. É um oásis de civilização junto do mangue e da floresta, e em meio à modernidade

LUIS S. KRAUSZ
de Itatinga

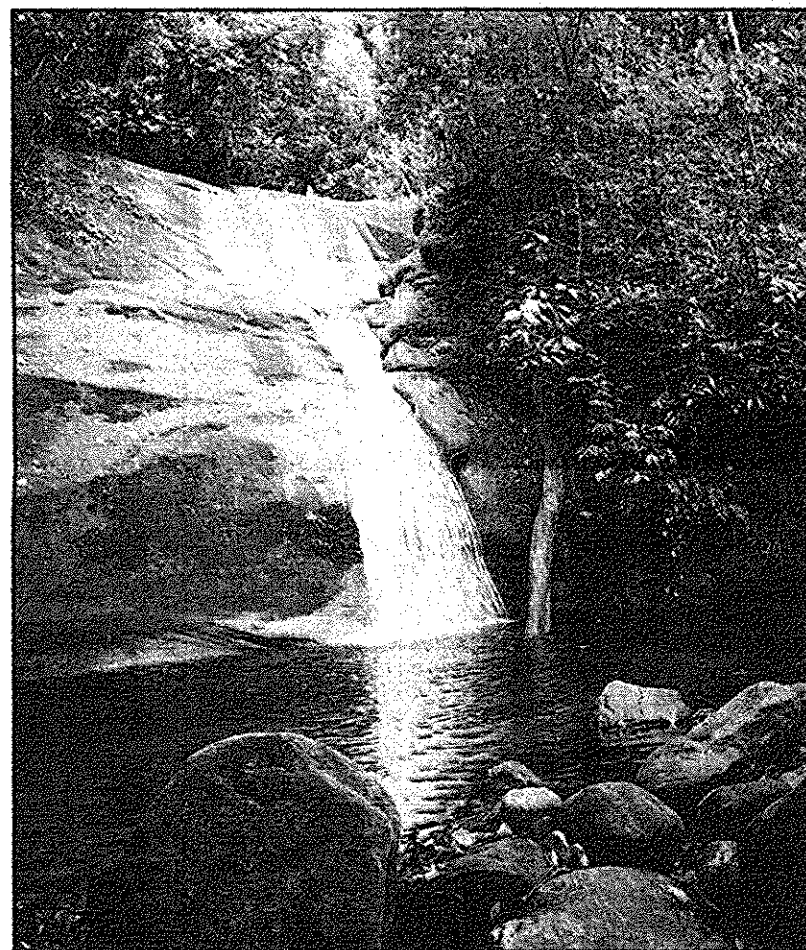
O acesso que leva a Itatinga, uma cidadezinha de feições inglesas do início do século XX, perdida no coração da Mata Atlântica, não poderia ser mais prosaico. A pouca distância do trevo na rodovia Rio-Santos, de onde sai o acesso para o centro de Bertioga, há um posto de gasolina e do lado deste uma estradinha de areia, em linha reta, em direção à serra. É uma dessas estradinhas que parecem ter surgido para ligar as moradias humildes e o comércio precário que se estabeleceu do lado errado da rodovia, depois que a zona costeira foi ocupada por imóveis de lazer. Ao longo da pista ondulada vão aparecendo vendinhas, borracharias, casebres, uma escola pública. Depois, um manguezal calorento, povoado por caranguejos e aves. De repente a estradinha acaba. Chega-se às margens do rio Itapanhaú e um barco de ferro, com um ruidoso motor a óleo diesel, guarda, no precário porto, para a travessia do rio, de pouco mais de 70 metros de largura. Aos poucos os passageiros embarcam, levando sacolas com compras, crianças nos braços, com a indiferença de quem se habituou há anos à rotina de se sentar, aguardar a partida e, dois minutos mais tarde, se levantar para desembarcar num outro mundo.

Na margem oposta, um bondinho aberto, com um vagão a reboque, pintado de amarelo, parece uma réplica em miniatura daqueles que se via em Santos até o começo dos anos 70. Perto do veículo, "seu" Luiz, o orgulhoso

motorneiro de bigodes grisalhos, bem cuidados, e impecável quepe azul-marinho, observa os passageiros que vão se acomodando nos bancos estreitos, de madeira. Cumprimenta alguns, conversa, brinca com as crianças. Os minutos custam a passar, sob o sol quente ao pé da serra, e a expectativa do visitante torna a espera penosa. Os passageiros acostumados, porém, não percebem o que vai por dentro dos que nunca viram aquilo e continuam em suas conversas e pensamentos corriqueiros, como se atravessar a mata num bondinho centenário fosse a coisa mais natural do mundo. Finalmente Luizão toma seu lugar à frente do bonde. O pantógrafo se ergue, as faíscas voam, o veículo se põe em movimento com um ligeiro solavanco. À beira dos trilhos logo o descampado em torno do porto dá lugar à densa Mata Atlântica, às árvores coposas. A sombra traz um ar refrescante, úmido, deliciosamente carregado de aromas há muito esquecidos pelos narizes da gente das cidades.

Ao cruzarem os trilhos, riachos murmuram sobre as pedras e se avistam as largas veias da floresta. Mais atrás, as montanhas, sempre verdes, da Serra do Mar. A gente se sente muito longe no espaço e no tempo. É um estranho país que começa ali, perto do trevo de Bertioga. Parece o Brasil que engenheiros ingleses conheceram na década de 1880, quando ali aportaram para construir a primeira usina hidrelétrica do país, até hoje em funcionamento e responsável pelo abastecimento de eletricidade do porto de Santos.

O trajeto do bonde dura pouco



Cachoeiras povoam a Mata Atlântica em torno da cidadezinha

mais de 25 minutos, até que se chega a Itatinga. O vilarejo de feições inglesas, perto da primorosa hidrelétrica, sobrevive intacto em meio à floresta, com as mesmas casinhas centenárias sobre o gramado bem cuidado, cortado ao meio pela ferrovia. Ao fundo, uma grande construção em granito cinza abriga as cinco turbinas que já há mais de cem anos fornecem toda a energia do porto de Santos, movidas

pela pressão da água que um portentoso encanamento em ferro fundido traz de uma represa no alto da serra, próxima à cidade de Salesópolis.

Itatinga e sua belíssima usina são testemunhos de uma época em que indústria, ética, tecnologia e senso estético ainda formavam uma unidade inseparável. A perfeita harmonia da construção em granito, a dignidade das casas construídas para abrigar os

trabalhadores e suas famílias, a inocente igreja numa colina, cujo teto parece dirigir súplicas aos céus, transmitem o sossego das coisas bem ordenadas. É um bálsamo para os sentidos de quem se habituou ao cotidiano nas grandes cidades.

A usina de Itatinga surgiu com os trabalhos de modernização do porto de Santos, promovidos por empresas inglesas nos primeiros anos da República. Desapropriada sob o Estado Novo, a usina — e a cidadezinha, com seus bondes e belas casas — são hoje propriedade da Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp). Embora a usina de Itatinga continue a fornecer eletricidade para o porto, o futuro da vila é incerto. Das 70 casas, originalmente construídas para abrigar os trabalhadores e suas famílias, com dignidade e conforto hoje difíceis de achar até em casas de famílias de classe média, só 20 delas permanecem habitadas. Os funcionários responsáveis pela manutenção e funcionamento da usina, que antes residiam ali, aos poucos vêm sendo substituídos por mão-de-obra terceirizada — operários recrutados por empreiteiras que vivem provisoriamente num abrigo na vila a um custo bem inferior. Mas não têm a dedicação e o carinho daqueles que tinham Itatinga como sua própria casa, nem têm como parte do trabalho cuidar das casas que estão desocupadas.

Uma ameaça paira sobre o futuro da vila. A escola já não funciona, pois o número de crianças na cidade é insuficiente. Muitas casas permanecem fechadas, outras, próximas à represa no alto da serra, foram abandonadas e se encontram entregues à ação do

tempo. Um processo de tombamento da vila de Itatinga, iniciativa da vereadora Mariângela Duarte, de Bertioga, está tramitando no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Condephaat) desde o final de 2000.

Hoje a Codesp permite a entrada de grupos de visitantes três vezes por mês, sempre aos fins de semana. Além da usina, que só pode ser vista de fora, pode-se conhecer uma das casas de moradores, a igreja e, por fora, a casa do engenheiro chefe, que faz pensar em filmes sobre os antigos domínios coloniais ingleses na Índia e na África. Em volta da vila uma belíssima reserva de Mata Atlântica, parte do Parque Estadual da Serra do Mar, é percorrida por trilhas, que levam a cachoeiras e piscinas naturais, excelentes para banhos. Uma outra trilha, inteiramente calçada de pedras, vai ziguezagueando serra acima, em direção à represa. Basta subir cerca de 300 metros para se alcançar um mirante, de onde se avista a floresta costeira, o mangue, e mais adiante as praias e o mar. Na imensidão verde e azul surgem, ao longe, os edifícios da Riviera de São Lourenço, como os sinais distantes de um outro mundo, que dali parece estranhamente irreal.

Bonde percorre Mata Atlântica e cruza riachos cristalinos antes de alcançar o vilarejo

reção à represa. Basta subir cerca de 300 metros para se alcançar um mirante, de onde se avista a floresta costeira, o mangue, e mais adiante as praias e o mar. Na imensidão verde e azul surgem, ao longe, os edifícios da Riviera de São Lourenço, como os sinais distantes de um outro mundo, que dali parece estranhamente irreal.

As visitas a Itatinga realizam-se em três ocasiões mensais, nos fins de semana. Mais informações com a Terra Mater Expedições: aventure-se@terramater.com.br tel. (11) 253.5833 Av. Paulista 2073 Ed. Horsa I cj.1805 13111-940 São Paulo, SP